

AMIXOKORI, PATAXÓ, MONOXÓ, KUMANOXÓ, KUTAXÓ, KUTATOI, MAXAKALI, MALALI E MAKONI: POVOS INDÍGENAS DIFERENCIADOS OU SUBGRUPOS DE UMA MESMA NAÇÃO? UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO*

Maria Hilda Baqueiro Paraíso**

PARAÍSO, M.H.B. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: povos indígenas diferenciados ou Subgrupos de uma mesma Nação? Uma proposta de reflexão. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 173-187, 1994.

RESUMO: Procuramos discutir a questão da identidade étnica dos vários grupos indígenas que habitaram o sul da Bahia, norte do Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Usamos, para tanto, dados fornecidos pelos estudos arqueológicos, linguísticos, históricos e antropológicos, procurando cruzá-los de forma a testar a nossa hipótese de que, sob diferentes designações, o que temos são subgrupos de uma mesma nação: Tikmu'nu

UNITERMOS: Etnohistória indígena – Arqueologia – Linguística: Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais.

Introdução

Este trabalho não se propõe a ser uma conclusão do tema.

Como o próprio título indica, é uma proposta de reflexão que, esperamos, envolva historiadores, antropólogos, arqueólogos, especialistas em cultura material e linguistas num futuro próximo.

A nossa hipótese – a de que estes povos compõem um subgrupo de uma mesma nação – é o resultado de observações sistematicamente desenvolvidas ao longo de anos de pesquisas sobre a

história dos grupos indígenas dos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

Na tentativa de testar a nossa hipótese, trabalhamos com fontes primárias publicadas e inéditas, centrando a análise nas informações encontradas nas obras dos viajantes naturalistas do século XIX e na dos antropólogos e linguistas que escreveram sobre os Pataxó de Barra Velha e os Maxakali, revistas a partir dos dados que coletamos quando realizávamos o laudo antropológico Maxakali.

Nosso trabalho procurará, inicialmente, analisar as várias informações coletadas que apontam na direção da hipótese levantada. Em seguida, analisaremos estes dados contextualizando-os a partir da organização social Maxakali e, finalmente, a questão da identidade étnica desses grupos e subgrupos, particularmente no tocante à construção da identidade dos remanescentes e suas implicações em termos sociais e políticos.

(*) Trabalho apresentado na XVI Reunião Anual da ANPOCS, GT sob a coordenação do Dr. John Monteiro, Caxambú, 20 a 23/10/1993.

(**) Universidade Federal da Bahia, Depto. de História da FFLCH da Universidade de São Paulo, pós-graduação, doutoramento.

Ruído na comunicação: auto e hetero-denominações

Quando iniciamos as nossas pesquisas sobre populações indígenas nas áreas acima referidas, o primeiro aspecto que nos chamou a atenção foi a semelhança entre algumas nomações atribuídas aos grupos indígenas “inimigos” dos Botocudo.

Considerando que, muitas vezes, as nomações que se referem aos grupos indígenas são atribuídas pelos membros da sociedade dominante ou por outros povos indígenas e que as transcrições nem sempre correspondem entre si, sempre nos perguntamos se haveria os Pataxó, Monoxó, Kutaxó, e Kumanoxó. Ou seria, apenas, um erro de transcrição de autores desavisados e não treinados e que vinha se reproduzindo, sucessivamente, desde a segunda metade do século XVIII, quando se intensificaram os contatos entre esses grupos e os ocupantes “brancos” de suas áreas?

A questão da semelhança dos nomes entre os vários grupos indígenas e, por outro lado, as diferenças na grafia de nomes que se referem a um mesmo grupo, pode-se observar não só em documentos formulados por agentes governamentais como também por outros observadores. Assim, se analisarmos os dicionários sobre tribos indígenas de Senna (1908) e Artiaga (1920), vamos observar que as seguintes denominações podem ser consideradas como sinônimas:

Macaxaus	- Macaxó
Machacali	- Maxakali - Machacaris - Macachacalizes - Malacaxis - Malacachetas
Maconés	- Macunins - Maconcugis - Makuinis - Maconi - Malalis - Malalizes
Monoxós	- Manoxós - Mapoxós - Momaxós
Pataxós	- Patachos
Comanaxó	- Cumaraxó - Kumanoxó
Copoxó	- Gotochó - Cotoxó - Kutaxó

Além das questões decorrentes da dificuldade de percepção correta dos nomes que os grupos indígenas se atribuem ou lhe são atribuídos por

outros grupos devido as línguas serem completamente diferentes das faladas pelos observadores e, também, das transcrições que não seguiam os princípios da fonética, outras questões nos parecem mais relevantes para nossa análise.

As localizações espaciais e os primeiros indícios

Urban (1992:91) afirma: “É interessante o fato de ter ocorrido, historicamente, uma tal concentração de línguas Macro-Jê na parte leste do Brasil, desde o Rio de Janeiro até a Bahia. Essa poderia ser a zona de origem da zona do Macro-Jê, uma especulação que poderia ser iluminada por uma reconstituição das relações internas entre as famílias Macro-Jê nessa área (Maxakali, Botocudo, Puri e Kamakã). Se forem apenas remotamente relacionadas umas às outras, esta seria uma área de grande diversidade linguística para o grupo Jê e, assim, um possível local de dispersão ocorrida a 5 ou 6 mil anos”.

Digamos que esta é uma primeira tentativa de realizar a proposta de Urban e que esperamos possa ser aprofundada por um conjunto de estudos interdisciplinares.

O que consideramos mais relevante é que a indicação da existência desses grupos sempre foi registrada por observadores não qualificados para compreenderem as complexidades das relações sociais existentes entre eles. Desconhecendo as possíveis conexões entre os vários grupos contactados, localizando apenas alguns grupos ou frações dos grupos ou obtendo informações sobre a nomação do grupo com, talvez, um membro de uma das frações ou subgrupos do grupo, as nomações que são indicadas pelas várias fontes precisam ser reanalisadas, considerando-se o conjunto de informações a partir da análise dos dados obtidos entre as fontes que se referem ao passado e aqueles obtidos entre os remanescentes.

Outro fator explicativo para a visão parcial dos observadores é o fato de a intensificação dos contatos com os “grupos” indígenas referidos ter ocorrido no século XIX, período em que a penetração dos seus habitats ocorreu de forma intensa, acirrando as relações com os Botocudo e reduzindo as áreas de caça e coleta. Isto teria intensificado o fracionamento dos grupos e, até mesmo, o isolamento de “aldeias” com a intrusão de ou-

tros grupos nos espaços que, originalmente, as separavam, de acordo com os padrões sociais deste grupo indígena, hoje conhecido por Maxakali.

Assim sendo, consideramos que o fato de haver referências a tantos “grupos” indígenas na região considerada não indica, com precisão, se eram unidades sociais peculiares e com identidade e organização social próprias e particulares ou frações de uma única unidade social.

Um dos fatos que levam a colocar, como provável, a afirmativa de serem frações de uma unidade, é a superposição dos seus habitats. Para facilitar a compreensão do leitor, listaremos os vários grupos considerados e indicaremos os locais que são referidos como sendo seus territórios tradicionais que compreendiam a área entre os rios Pardo, ao norte, e Mucuri, ao sul.

pos e a prática dos aldeamentos “voluntários” conjuntos de alguns dos grupos acima referidos.

Inicialmente analisaremos de forma mais aprofundada os dados arqueológicos. Para tanto, contamos com os trabalhos de Perota (1971) que, infelizmente, só se referem ao sul da Bahia e o norte do Espírito Santo. Seus achados, partiram de uma informação dada pelos Pataxó de Barra Velha sobre antigas aldeias no vale do rio Jucuruçu. Esta área é identificada por Navarro (1846) (referindo-se ao ano de 1807), Wied-Neuwied (1989) (relativo ao ano de 1815), e Portella (1911) (relativo a 1910) como sendo de aldeamentos e aldeias Maxakali. Foi considerado o material escavado a partir dessas informações que o arqueólogo denominou as Fases Itanhém, Itaúnas, Guarabu, Camburi, e as localizou como ocupando os vales

GRUPOS	LOCAIS
AMIXOCORI PATAXÓ	Adjacências de Porto Seguro Entre os rios de Contas, Pardo, Jucuruçu, Jequitinhonha, Mucuri, São Mateus e Itaúnas
MONOXÓ KUMANOXÓ	Baixo Jequitinhonha – sul da Bahia e leste de Minas Rio Jequitinhonha, Mucuri e São Mateus
KUTAXÓ KUTATOI	Entre os rios Jequitinhonha e Pardo Nordeste da Capitania de Porto Seguro
MAXAKALI MALALI	Jequitinhonha, Itanhém, Jucuru e Mucuri Médio rio Jequitinhonha e Mucuri
MAKONI	Rio Mucuri – sul da Bahia, norte do Espírito Santo e leste de Minas Gerais

FONTES: Rubinger, 1980; Amorim, 1980; Marcato, 1980; Nimuendajú, 1958; Spix e Martius, 1976; Wied-Neuwied, 1989; Ottoni, 1858; Loukotka, 1931; Porto, 1946; Arziaga, 1920; Senna, 1908; Metraux e Nimuendaju, 1963; Cardim, 1980.

Os dados arqueológicos indicam uma unidade

Ora, se considerarmos que, nesta área, além desses “grupos” viviam apenas os remanescentes dos Tupinikin, em torno de Ilhéus e Porto Seguro; os Kamakã-Mongoió, entre os rios de Contas e Pardo, e os Botocudo, entre o rio Una do Norte e o Doce, podemos inferir a partir de outros dados, que havia maior unidade do que se pensava quando eram trabalhados os dados referentes à ocupação indígena desta região no século XIX. Os dados que nos levam a tal conclusão são os arqueológicos, os culturais, inclusive os linguísticos, as alianças políticas estabelecidas entre vários gru-

dos rios dos Reis Magos, São Mateus, Itaúnas, Mucuri, Itanhém e Pardo.

É interessante fazermos duas ressalvas quanto a estes dados. A primeira é que o autor não realizou prospecções no rio Jequitinhonha, o que de certa forma, deixa a descoberto uma área importante para a nossa análise. A segunda é que, se observarmos o mapeamento, ainda inédito, que o autor está realizando dos dados arqueológicos dos sítios escavados no Espírito Santo, observamos três grandes unidades peculiares quanto à classificação do material: temos uma unidade que se refere aos sítios dos Botocudo, outra que se refere aos grupos de origem Tupi e outra que engloba todos os demais grupos referidos e que “formam

uma tradição específica que não se enquadra em nenhuma outra tradição identificada até agora” (Perota, 1971).

Em assim sendo, os dados arqueológicos apontam para a unidade cultural de um conjunto de populações que se opõem aos Botocudo e aos remanescentes Tupinikin. Se cruzarmos os dados arqueológicos, a localização dos sítios e os referentes aos grupos indígenas, veremos que excluindo-se os Botocudo e Tupinikin, os habitantes do Mucuri, Itanhém e Pardo eram os Pataxó, Kumanoxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni, que formariam, portanto, essa unidade cultural.

Os dados culturais indicam unidade

Outra indicação é a de que os blocos Kamakã-Mongoió e Botocudo são sempre caracterizados como de grande densidade demográfica, senhores de grandes áreas e subdivididos em inúmeros subgrupos. Já os demais sete grupos citados, são sempre referidos como pequenos grupos, ocupantes de pequenas parcelas dos territórios dos Botocudo com os quais as disputavam intensamente, porém, sempre perdendo e tendo que optar por “entregar-se pacificamente” ao convívio com os “nacionais”.

Talvez, por isso mesmo, constatamos, também, que alguns grupos simplesmente desapareceram das referências documentais com mais rapidez que os demais. É o caso dos Kutatoi, Kutaxó, Kumanoxó, Monoxó. Sempre nos perguntávamos se estes grupos, por serem menores, teriam sido destruídos com maior rapidez ou teriam se reunido aos seus aliados tradicionais, passando a recompor as antigas unidades sociais. Mas por que sempre os mesmos?

Ao aprofundarmos a nossa análise sobre a possível unidade cultural destes grupos, outros dados reveladores precisam ser considerados.

Trabalharemos, inicialmente, com as constantes referências encontradas sobre esta semelhança entre as culturas dos grupos, destacando que, em nenhum momento, encontramos qualquer indicação desta possível semelhança entre qualquer um deles e os Botocudo, os remanescentes Tupi ou Kamakã-Mongoió.

Referindo-se aos Makoni, Maxakali, Pataxó, Kumanoxó, e Malali, Wied-Neuwied (1989:176) afirma que “as cinco tribos aliadas possuem afi-

nidades nas maneiras e costumes. Fazem habitualmente um horifício no lábio inferior, metendo por ele pequeno pedaço de bambú curto e fino, uma das cujas extremidades pintam de vermelho com urucu. Usam curtos os cabelos, no pescoço e sobre os olhos”. Na mesma página torna a afirmar: “...a julgar pelas semelhanças de linguagem, maneiras e costumes, as referidas tribos parecem ter, entre si, estreita afinidade”. Mais adiante, o mesmo autor, ao comparar Pataxó e Maxakali, sobre os quais se deteve com grande atenção, ainda que inferior à dedicada aos Botocudo, afirma que ambos “não se pintam, nem se desfiguram, ... são baixos ...delgados, de cara larga e ossuda e feições grosseiras ...usam os cabelos naturalmente soltos (pág. 214) ...conservam o curiosíssimo hábito de arregaçar o prepúcio com um ramo de cipó ...os Patachós lembram, em muitos pontos, os Machacaris ou Machacalis ...” (pág. 215). Na página 275, ainda afirma sobre o mesmo tema, ao analisar os habitantes das matas do Jucuruçu, “...encontrei uma mulher da tribo dos Machacaris que entendia perfeitamente a língua dos Pataxós, coisa muito rara, porque sendo os últimos, de todas as tribos aborígenes, os mais desconfiados e reservados, é difícil a uma pessoa que não pertença à tribo, aprender-lhes a linguagem” ... Observando a casa dos Machacalis do rio Jucuruçu, o autor na página 276 constata “...vi igualmente os mesmos sacos pendurados que se observam entre os Patachós, com quem os Machacaris se parecem em muitas particularidades... dizem que constroem as choças da mesma maneira”.

Spix e Martius (1976:55), referindo-se aos Malalis e Makonis, afirma: “estes Malalis criaram-se entre os Maconi, não fazendo diferença nenhum deles...”

Porto (1946: 164), analisando os relatórios de Tófilo Ottoni sobre a área do vale do Mucuri, atesta “na sua opinião, todas as tribos que se encontravam e habitavam a zona do Mucuri, sua divisa com Jequitinhonha, o litoral, o Suaçuí e o rio Doce eram da mesma família...” É interessante que os grupos a que Ottoni se refere são os Copoxós, Purixós, Malali, Kumanoxó, Monoxó e Maxakali.

Na página 167, encontramos a seguinte assertiva: “...com os Makoni e Malali vieram os Maxakali, tribo de Tapuias, cujo o nome aparece também na costa no tempo do descobrimento” ...E, finalmente, na página 168, a sua posição sobre a unidade cultural dos grupos é reafirmada ao di-

zer: “os Maxakali eram os restos dessas tribos de Tapuios que os Tupis impeliram a concentrar-se na cordilheira da Serra das Esmeraldas¹ ...combatidos pelos Botocudo ... obrigados a procurar a proteção dos cristãos, sob o nome de Makoni, Malali e Maxakali”...

Saint Hilaire (1975: 273) também afirmava: ...“os doze ou treze casebres dos Machacalis (sic) eram dispostos sem ordem e assemelhavam-se aos dos Maconis... seu mobiliário era semelhante aos das casas dos Maconis”...

A língua falada: outra indicação positiva

Com relação à língua falada pelos vários grupos, também encontramos afirmativas bastante significativas quanto à possibilidade da unidade cultural, embora as observações sejam mais problemáticas devido às dificuldades de compreensão e transcrição por parte da maioria dos observadores, sem considerarmos a incapacidade de classificações mais adequadas. Estas dificuldades deveriam-se, entre os não especialistas, à falta de um corpo teórico que lhes permitisse realizar as suas análises, e, entre os especialistas atuais, ao fato de a grande maioria das línguas não mais serem faladas, o que os obriga a usar o material coletado de forma inadequada por não especialistas.

Metraux e Nimuendajú (1963) ao estabelecerem a classificação das línguas destes grupos, agrupam-nas numa única família linguística: Kamakã, dividida nas línguas Kutaxó, Meniam, Kamakã e subdividindo o Kutaxó e Kutatoi. Essa classificação parece ter se baseado nas observações feitas por Nimuendajú, em 1938, quando visitou inúmeros remanescentes indígenas do Nordeste, inclusive os Maxakali e os Pataxó. Num trabalho publicado expressando suas observações, Nimuendajú (1958), afirma que “os Machacari, a tribo vizinha dos Pataxó e os Mono-xó, Capo-xó, Cumano-xó seriam membros da mesma família linguística”... Na página 218, volta a dizer:... “O idioma dos Machacaris é muito parecido com as

línguas dos Macuni, Copoxó, Cumanoxó, Pañame e Monoxó, hoje todos extintos... e mostra alguma semelhança com o dos Pataxó e Malali, esta última também língua morta...”

Saint Hilaire (1975: 211) também afirmava “... A língua dos Macunis se pronunciava da mesma maneira que a dos Coroados, Malalis e Monoxós...”. Na página 273, observa: “...como os Malalis, Macunis e Monochós, os Machacalis falam com a garganta, quase sem abrir a boca e não tem em sua pronúncia nenhum desses sons gritantes que caracterizam a dos Botocudo...”

Rodrigues (1986) classifica todas as línguas como pertencentes ao tronco Macro-Jê, pertencentes a duas famílias: a dos Maxakali e dos Kamakã (kamakã, Mongoió, Kotoxó e Menian). Consultado na década de 1970 pelo Projeto de Pesquisa sobre Populações Indígenas da Bahia sobre como classificar o “idioma” falado pelos remanescentes Pataxó de Barra Velha, definiu-o como Maxakali. Acreditamos que a base de sua classificação tenha sido o vocabulário coletado por Popovich entre os Maxakali. Porém, quando observamos o vocabulário que está identificado como sendo dos Pataxó, este corresponde à língua atualmente falada pelos Maxakali e que é compartilhada pelos Pataxó. E o vocabulário identificado como sendo dos Maxakali nos é desconhecido. Como interpretar tal situação?

Estratégias políticas comuns ante o duplo inimigo

Outro fator já citado, e que pretendemos agora aprofundar, são as constantes referências à aliança política desses “grupos” em oposição aos Botocudo e aos “nacionais”.

Navarro (1846:446) afirma que os Kumanoxó, Maxacari e Bacumin viviam em “aparente inimizade”. Wied-Neuwied (1989) faz várias referências a esta aliança. Na página 215 encontramos a assertiva: ...“Parece que ambas as tribos (Maxakali e Pataxó) se aliaram contra os Botocudo.”... na 276, reafirma... “Fazem causa comum contra os Botocudo mais numerosos”... na 310, ... “Os Botocudo vivem em guerra com diversas tribos entra as quais destacam-se particularmente, os Pataxós e os Machacaris... Todos estes últimos (referem-se aos grupos que aqui estudamos) por serem mais fracos, reuniram-se contra os Botocudo”...

(1) Serra das Esmeraldas – nome tradicional da Cordilheira dos Aimorés, situada nos limites entre Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo nos vales dos rios Jequitinhonha, Itanhém, Jucuruçu, Mucuri e São Mateus.

Essa idéia de aliança parece ser reforçada pelo fato de encontrarmos inúmeras referências aos vários grupos localizados sempre próximos, o que fortalece a nossa idéia de que seriam “aldeias”, conforme o modelo do que hoje conhecemos como Maxakali. Mais adiante compararemos estas notícias com as descrições sobre as “aldeias” Maxakali atuais.

Navarro (1846:446) informa que os Maxakali apareciam em São José de Porto Alegre, na foz do rio Mucuri, e que eram compostos de três nações: Kumanoxó, Maxakari, Bacuim.

Fontoura (1857), que era sub-delegado da cidade do Prado, na foz do rio Jucuruçu, atestava que seu pai havia “amansado primeiramente a nação Maxakari e com esta amañou bandeiras da nação Pataxó, dos quais existem poucos aqui.” Esta informação referia-se à região do Alcobaça.

Castro e Almeida (1918) também informava que os sertões de Alcobaça “eram habitados por Pataxó e Maxakali”.

Wied-Neuwied (1989:170) atestava que no rio São Mateus viviam os Pataxó, Kumanoxó, e Maxakali. Na página 176, afirma que as florestas do Mucuri eram ocupadas por Makoni, Malali, Capuxo (Kopuxó?) Kumanoxó, Maxakali e Pañame, todos aliados do Pataxó contra os Botocudo. O autor garante, na página 212, que as matas de Itanhém eram habitadas pelos Pataxó e Maxakali. A mesma informação é dada sobre a vila do Prado (pg. 214) e matas do Jucuruçu (pg. 214). Porém é significativo que, ao penetrar o vale do Jucuruçu, em busca dos Pataxó, tenha encontrado os Maxakali “onde antes estavam os Pataxó” (pg. 273). É também interessante que o mesmo autor (1989: 448) observe que o capitão João Gonçalves da Costa, responsável pelo devassamento da região do alto do rio Pardo, “combateu os Pataxó, que ele denominava Kutaxó”...

Spix e Martius (1976:55) afirmam que “os Maxacarís, Pañames, Cumanoxós e Moncoxós (Monoxós?) habitam as matas virgens, na fronteira da província de Minas Gerais”... Porto (1946: 144) atesta que os Kopoxó, Purichus, Malali, Kumanoxó, Monoxó e Maxakali ocupavam o vale do Mucuri.

Provavelmente em decorrências das “alianças” e do fato de sempre viverem próximos uns dos outros, além de sofrerem a pressão resultante da expansão da sociedade nacional sobre os seus territórios e da disputa acirrada com os Botocudo,

esses grupos são os únicos, como já nos referimos que, nos primeiros anos de contato, optaram por se entregar “voluntariamente” ao aldeamento junto a quartéis e destacamento, sob a justificativa de buscarem proteção. É também interessante observarmos que, muitas vezes um dos grupos intermediava a atração dos arredios, como podemos constatar em Wied-Neuwied (1989:214), quando atesta que “...os Machacarís amigos foram depois chamados como medianeiros da paz com os Pataxós...” O autor referia-se ao vale do Jucuruçu.

Diretamente relacionadas com este aspecto, são as notícias constantes sobre aldeamentos “voluntários” combinados de alguns grupos: Maxakali e Pataxó ou Maxakali e Malali, Malali e Makoni etc., todos sob a alegação que estes grupos buscavam “proteção”.

Saint Hilaire (1975:170-171) informa que a aldeia de São Nicolau, no nordeste de Minas Gerais, entre a bacia do rio Doce e a do Jequitinhonha, fora criado pelos Monoxó, que abandonaram este aldeamento para viver com os Malali em Peçanha. Na página 176, garante que os Pañame, Kopoxó, Makoni e Monoxó haviam se aldeado em Peçanha. Na página 210 atesta que os Maxakali, Makoni e os Malali refugiaram-se no Quartel do Alto dos Bois. Na página 271, diz que os Maxakali, Malali, Monoxó e Makoni procuravam os “portugueses” para fugirem da guerra aos Botocudo.

Computando outras informações, percebemos que este fenômeno é bastante comum na região. Assim, Caravelas foi ponto do aldeamento dos Maxakali e Makoni (Mello, 1845; Saint Hilaire, 1975). Em torno de São Miguel do Jequitinhonha, em 1804, “apresentaram-se os Maxakali, Malali e Makoni” (Saint Hilaire, 1975: 254). No Jucuruçu, apresentaram-se os Pataxó e os Maxakali ao Quartel do Vimieiro (Wied-Neuwied, 1989). Parece-nos revelador que apenas estes grupos tivessem adotado, como solução, a prática do aldeamento “espontâneo”, numa situação de conflito, que era comum também, aos Botocudo e aos Kamakã-Mongoió. E estes índios são sempre indicados como “de índole mansa e pacífica” e dispostos a comporem as tropas de combate aos demais. Estes dados, na verdade, tendem a confirmar a nossa hipótese da unidade dos grupos em oposição a dos Botocudo, a dos remanescentes Tupi e dos Kamakã-Mongoió, que nunca se aliaram entre si.

Memória coletiva e suas referências a unidade

Iniciaremos a análise das tradições e memória dos grupos remanescentes – os Pataxó e os Maxakali – reproduzindo um trecho de Saint-Hilaire (1975:181-182) que transcreve a opinião dos Malali sobre esta unidade:

“Pretendem os Malalis que eles e os Monoxós tem origem comum... Disse há pouco os Malalis acreditaram ter com os Monoxós origem comum. Os índios de Santo Antônio conservam, com efeito, algumas tradições históricas. Pretendem que os Pañame, Malalis, Puchis ou Pindis (?), os Monoxós, os Coroados etc., descendem de pai comum: que antigamente formavam uma só nação, mas, que tendo-se a discórdia intrometido entre eles, se separaram e formaram várias tribos diferentes. Entretanto, esses índios se consideram, de certo modo, filhos de uma só família, e é, sem dúvida, por essa razão que eles facilmente se fundiram quando se aproximaram dos portugueses. Segundo eles, os Monoxós, originariamente denominados de Munuchus, começaram a guerra que, desde então, nunca cessou entre os Botocudo e as diversas nações de origem comum...”

Usaremos, ainda, como base do nosso raciocínio a memória grupal dos Pataxó expressa, no trabalho de Carvalho (1977) e estabeleceremos as possíveis conexões com as informações obtidas entre os Maxakali.

Os Pataxó afirmam que mantinham contato regular com os “índios brabos” que vinham de Minas Gerais e que estes falavam a mesma língua (pg. 93). Usavam como ponto de referência o rio Jucuruçu, fazendo a rota Porto Seguro-Serra dos Aimorés e que esta rota do Jucuruçu, via Prado, foi interrompida quando a região se tornou mais povoada (pg. 94-95). Este dado pode ser complementado pela informação (pg. 97) de que os índios que vinham do interior eram “mais brabos e puros” e que a ocupação do vale do Jucuruçu dividiu o grupo, inviabilizando a continuação dos contatos.

Ora, se considerarmos as informações sobre os Maxakali, observamos que Wied-Neuwied (1989) atesta que os Maxakalis ocupavam o vale

do Jucuruçu e que se deslocavam até o litoral, em torno da Vila do Prado. Também em 1910, Portella (1911) localiza os Maxakali no vale do Jucuruçu. A rota de circulação na região entre os dois estados (Bahia e Minas Gerais) implica na passagem pela Serra dos Aimorés, e que é o divisor de águas entre as bacias do Jequitinhonha e do Mucuri, encontrando-se aí duas pequenas bacias intermediárias: a do Itanhém e a do Jucuruçu. É interessante também observarmos que os Maxakali da aldeia Pradinho, que até hoje são considerados como os mais “brabos e puros”, são identificados como originários do Vale do Jucuruçu, na Bahia, em oposição aos Maxakali da aldeia da Água Boa, que são considerados como mais “mansos e menos puros” e originários do vale do Jequitinhonha, no seu trecho mineiro, onde se aldearam, pela primeira vez, em Minas Gerais, em Lorena dos Tocoios, em 1799 (Brandão 1898; Saint-Hilaire, 1975). No entanto, mesmo estes Maxakali seriam fugitivos do aldeamento de Caravelas, onde se apresentaram “pacificamente” com os Maconi em 1798, e de São José de Porto Alegre (atual Mucuri), onde se aldearam em 1786.

Outro aspecto a ser considerado é o do nome da mais antiga aldeia dos Pataxó – a aldeia de “Pé da Pedra” – localizada no sopé do Monte Pascoal. É interessante que os Maxakali sempre tenham uma aldeia chamada Mikrax-Kakax (Pé da Pedra), que é construída aos pés das grandes montanhas. Só os Maxakali do Pradinho já tiveram duas aldeias com este nome e possuem outra, nos dias atuais, que fica no sopé da maior elevação da região. A razão desta opção preferencial pela localização, que define o nome da aldeia, deve-se ao fato de os espíritos guardiães se refugiarem nas cristas das grandes elevações (Nascimento, 1984).

Na página 98, Carvalho registra que os antigos Pataxó queimavam o corpo dos mortos. Igual prática vamos encontrar entre os Maxakali, que realizam o enterro primário sem queima e em covas comuns. Como as covas são rasas, é checado diariamente se há exposição do cadáver. Caso ocorra tal fato, isto é considerado como um sinal indicativo de que o morto se libertará e se transformará em onça preta e pelada, passando a assustar os membros da comunidade. Para evitar que tal aconteça, o corpo é desenterrado e queimado (Santos, 1970; Amorim, 1980; Nascimento, 1984).

Ainda Carvalho (1977: 98), afirma que os Pataxó relembram de uma época em que usavam

máscaras rituais durante as atividades religiosas. Os rituais Maxakali exigem o uso de máscaras nos rituais para a sua realização (Nascimento, 1984).

Os Pataxó usam a expressão *ingorã* para expressar que estão zangados (Carvalho, 1977:100). Vamos encontrar a mesma expressão entre os Maxakali para não somente expressar o aborrecimento, mas também para referirem-se à onça preta e pelada que se origina dos corpos dos mortos e ataca a aldeia (Amorim, 1980; Nascimento, 1984).

Na mesma página, Carvalho (1977), ao analisar o ocorrido após o naufrágio, em que morreram vários homens da comunidade, indica que as almas dos mortos incorporavam-se nas viúvas, através das quais se manifestavam, provocando temor à comunidade. Para os Maxakali, os espíritos dos mortos (os *Yãmiy*) também só se incorporam em mulheres, preferencialmente naquelas que tiveram relações de parentesco ou foram casadas com os mortos (Nascimento, 1984; Popovich, 1983).

Na página 319, Carvalho (1977) refere-se a uma expressão Pataxó: “a água vira Maracaxeta”, isto é, “a água que lustra com a claridade da lua, ela faz aquele reflexo, feito relâmpago”. É interessante constatarmos que Maracaxeta é uma corruptela de Malacaxeta, uma outra forma dos Maxakali serem chamados e também de uma cidade do vale do Mucuri, antigo aldeamento Maxakali (Marcatto, 1980).

A fragilidade dos dados comparativos, usando-se a “memória” dos Pataxó e a cultura dos Maxakali, deve-se ao alto grau de aculturação dos primeiros que interrompeu o fluxo da socialização tradicional e, conseqüentemente, a transmissão das informações referentes à história do grupo. Porém, consideramos que o pouco que resta dessa memória apenas reforça a idéia da unicidade dos dois grupos.

A história recente: a busca de referências e alianças

Outros fatos da história mais recente dos Pataxó também nos chama atenção. Um deles é, exatamente, decorrente do processo deculturativo pelo qual o grupo passou. Isolados na área que conhecemos como Barra Velha, que seria a antiga barra do rio Itanhém (nas suas cabeceiras encontram-se, hoje as aldeias Maxakali) e que, também,

era uma rota possível dos Maxakali nos seus deslocamentos entre o interior e o litoral, os Pataxó passaram a manter contatos intensos com representantes da sociedade nacional. Aos poucos, foram perdendo suas tradicionais formas de organização social e, conseqüentemente, suas manifestações culturais. Tornaram-se, na expressão de Ribeiro (1970), “índios genéricos”, ou como querem seus vizinhos, “caboclos”. Uma das manifestações culturais perdidas foi exatamente a língua falada pelo grupo. Este é um processo bastante comum entre os índios do Nordeste brasileiro.

Apenas os Fulni-ô, em Pernambuco, e os Maxakali, em Minas Gerais, mantêm a língua integralmente e de forma operante. Os Krenak ainda têm alguns falantes, podendo ser caracterizados como uma sociedade bilíngue, mas, que só mantém o bilinguismo entre os maiores de 35 anos. Os jovens não mais falam o Borun e usam, apenas, algumas palavras soltas em determinadas situações.

Uma situação em que os Pataxó discrepam neste conjunto, é o fato de terem escolhido, como símbolo emblemático da sua identidade, aprender algumas palavras no idioma Maxakali. É neste ponto que surgem algumas questões que consideramos relevantes. Num momento em que o conhecimento sobre a existência dos grupos não era comum, como os Pataxó sabiam da existência dos Maxakali, que eles ainda falavam a língua e, finalmente, como sabiam chegar até eles? Teriam voltado a usar a antiga rota do Jucuruçu/Itanhém sabendo que reencontrariam os “índios brabos e puros” que falavam a mesma língua? Só um conhecimento prévio justificaria um empreendimento de sucesso não garantido para o grau de conhecimento compartilhado pelos grupos indígenas naquele momento.

No mesmo contexto de análise, Carvalho (1977) informa que quatro índios Pataxó de Barra Velha foram “pedir ajuda aos caboclos de lá”. Lá é Umbranas, cabeceiras do rio Itanhém, muito próximo às cabeceiras do Jucuruçu. A razão da busca de ajuda, conforme declarações do então “cacique” de Barra Velha, o capitão Honório, ao *Jornal A Tarde* de 28.5.1951, foi a invasão da aldeia por forças policiais e fazendeiros em represália a um ataque dos Pataxó a algumas fazendas. As questões aventadas com relação ao aprendizado da língua com os Maxakali continuam válidas para a busca de ajuda. Como sabiam que os

Maxakali seriam alcançados nas cabeceiras do Itanhém, que encontrariam apoio entre eles e por que escolheram os Maxakali e não os Pataxó Hãhãhã que também viviam no sul da Bahia? E por que foram buscar apoio entre os índios do Pradinho (“os mais brabos e puros”), que seriam originários da região do Jucuruçu e não entre os de Água Boa originários do trecho mineiro do Jequitinhonha?

E, finalmente, como explicar o fascínio dos Pataxó, que habitam a Fazenda Guarani, em Minas Gerais, pelos Maxakali a ponto de sempre procurar usá-los como ponto de referência e, até mesmo, aceitar refugiados Maxakali em sua aldeia, em 1991, quando opõem tanta resistência à família dos Krenak ali refugiados há muitos anos? E por que os Maxakali aceitaram conviver tão tranquilamente com os Pataxó, mas rejeitaram conviver com os Krenak?

Todos estes dados vistos em conjunto é que nos levaram a refletir insistentemente sobre o assunto.

Confrontando dados sobre a organização social: os Maxakali como referência básica

A sociedade Maxakali, assim como os Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Malali, era de caçadores e coletores com uma agricultura incipiente. O nomadismo surge como uma decorrência desta organização econômica.

Quanto a uma possível existência do dualismo representado por fâtrias exogâmicas ou outras formas de organização dual, há dúvidas na literatura.

Entretanto, há concordância quanto a sua organização patrilinear, indicada por:

- 1– casamento preferencial entre primos cruzados unilaterais;
- 2– fusão bifurcada de termos de parentesco na geração dos pais;
- 3– afiliação complementar típica de sociedade de caçadores e coletores – ligação íntima dos seus parentes do lado materno (Amorim, 1980; Popovich, 1976).

A regra residencial vem se transformando. Nimuendajú (1958) classifica-os como patrilocais. Amorim (1980), que os estudou quarenta anos depois de Nimuendajú, afirma que eram matrilocais. Já Nascimento (1984) atesta que, logo após o casamento, os noivos vivem na casa do pai da noiva

até o nascimento do primeiro filho. Depois, têm liberdade para escolher onde fixarão residência em função das novas alianças ou oposições políticas.

Os termos classificatórios de parentesco Maxakali, de forma genérica, ordena as pessoas em duas grandes categorias: os *Xape* (os parentes ou aliados do grupo familiar, dos quais se espera solidariedade, bondade, consideração e respeito à propriedade) e os *pukñooq* (o estranho, ou inimigo, alguém de quem não se pode esperar bondade ou consideração, mesmo que sejam parentes de gerações mais afastadas ou afins em potencial). Os casamentos são concretizados entre *pukñooq* e os *Xape-Hãptox Hã*, os parentes distantes e colaterais (Popovich, 1976).

A participação em um dos dez grupos rituais se fazia, anteriormente, pela pertinência do indivíduo a determinado clã. Hoje, a vinculação parece ser pela linha paterna. As mulheres são inseridas a partir do casamento (Rubinger, 1963; Nascimento, 1984; Popovich, 1976).

O sistema de parentesco é o sustentáculo da organização política, considerando-se que as aldeias Maxakali são compostas por famílias extensas, com um líder que compõe o conselho tribal, responsável pelas decisões tomadas em relação à coletividade.

Uma das características mais fortes da sua organização social é o poder político ser totalmente difuso, não havendo a figura do “cacique”, líder ou capitão ou mesmo um interlocutor único que representa a comunidade.

Popovich (1982) ressalta não haver na língua Maxakali termos que se refiram à idéia de chefia ou liderança. Não há, aparentemente, uma hierarquia social entre eles.

A mesma autora (1982) afirma que a organização do grupo centra-se em quatro unidades básicas: a da identidade, a residencial, o grupo doméstico e o bando, todas estruturadas a partir das relações de parentesco.

A unidade definida pela identidade inclui todas as pessoas que são conhecidas por Maxakali. Têm língua própria, mitos, símbolos, rituais e história em comum. Entretanto, não exercem, como tal uma atividade coletiva.

O grupo doméstico é composto pelos moradores de duas a cinco casas, habitadas por famílias extensas com direito de acesso mútuo. É a unidade básica de integração social, pois a relação é estabelecida entre parentes consanguíneos ou

afins, cabendo a liderança ao patriarca ou, excepcionalmente, a uma matriarca viúva. É um grupo não perene, podendo desagregar-se em momentos de crise, morte ou desacordo, sem grandes alardes.

O bando é a unidade de consenso, sendo a categoria mais complexa. Inclui todos os parentes, englobando vários grupos domésticos sob a liderança de um patriarca-líder que se relaciona parentalmente com os demais membros. É a unidade de maior integração social, estabelecida em torno do líder e de um centro cerimonial (Kukex) em atividade. Exige um número ideal de pessoas para funcionar. Caso este decresça, interrompe-se o cerimonial e extingue-se o bando. As denominações do bando advêm de sua localização espacial.

Este grau de dispersão faz com que Popovich afirme que os agrupamentos Maxakali são fluidos e mutáveis e que as dissidências, quando internas ao grupo doméstico, redundem na reformulação da composição das “aldeias”, fazendo com que a distância se interponha entre os antigos membros. Na atualidade, após a demarcação, e conseqüente redução do habitat, o máximo de distância que conseguem interpor é transferir-se de Pradinho para Água Boa e vice-versa ou procurarem o ponto extremo oposto dentro de uma das glebas para instalarem a nova “aldeia”. Amorim (1980) também assegura que é uma prática comum dos bandos se dispersarem e voltarem a se reunir nos momentos críticos. É interessante observarmos que a maioria dos casos de dispersão deve-se a assassinatos e a que a posição das novas aldeias é definida de acordo com as posturas de apoio e/ou rejeição aos envolvidos no fato. São, portanto, as alianças estabelecidas que reordenam espacialmente as novas aldeias. A tendência ao surgimento constante de novas aldeias é facilmente observável na história do Maxakali do Pradinho e de Água Boa (Paraíso, 1992).

As lideranças são especialistas em religião e na prática dos cerimoniais. As afiliações a uma liderança devem-se à relação de parentesco com os membros, seja pela via consanguínea ou por afinidade. Os que conseguem reunir o maior número de descendentes e parentes colaterais são os que detêm maior poder social. Para isto deverão oferecer maior número de vantagens materiais ou espirituais, “mantendo o equilíbrio entre os mundos visível e invisível” (Popovich, 1992: 2).

Porém, o exercício do seu poder é difuso podendo recair sobre várias pessoas em momentos

diferentes. As decisões tomadas com relação ao grupo familiar e ao bando são resultantes do consenso entre os membros do grupo envolvidos.

O que se pode constatar é que a área de influência de cada “líder” não ultrapassa a sua “aldeia”.

Esta rápida análise de organização social Maxakali, como é nos nossos dias, permitiu-nos algumas inferências para explicar a nossa hipótese da unidade e dispersão acentuada dos vários grupos que analisamos.

Pelo observado acima, a unidade mais complexa em termos de sua organização social é o bando, que se compõe de vários grupos domésticos (“aldeias”) que, por sua vez, são compostas de unidades residenciais. Este seria, portanto, o nível mais amplo de integração possível com atividades coletivas a nível social, político, econômico e religioso. É portanto, uma unidade autônoma, com cerimonial próprio e denominação específica. Agrega-se a esta característica, o fato de que o bando é o limite específico de atuação de cada liderança, restrita a seus parentes afins e consanguíneos e teremos que cada bando pode ser, também, autônomo em termos de reprodução de acordo com as regras de casamento. Pois, ao englobar parentes afins e consanguíneos de gerações diferentes, permitem que sejam encontrados, no seu interior, os *Pukñoq* (estranhos, parentes de geração mais afastada ou afins) e *Xape-Hãptox Hã* (parentes distantes e colaterais).

A consciência de pertinência, sua fluidez e articulação mais ampla

Para encerrar esta parte da nossa exposição, consideraremos, ainda, dois aspectos. O primeiro é que, embora os Maxakali tenham uma consciência étnica, tal consciência não resulta em atividades coletivas, solidariedade ou mesmo idéia de unidade ordenadora dos bandos.

O segundo é a tendência ao fracionamento desta unidade baseada na identidade. Por razões de insatisfações, tensões, pressões, crises e conflitos, a tendência, aliás como de todos os grupos predominantemente caçadores e coletores, é ao fracionamento e ao afastamento entre os bandos, que passariam a constituir novas unidades sociais autônomas e auto-suficientes.

Vimos que isto é perfeitamente possível entre os Maxakali. Portanto, a nossa hipótese para

explicar a existência de tantos grupos com nomes diferentes, aliás previsto na própria organização social do grupo, é o afastamento dispersivo dos bandos nos vários momentos de crise vivenciados e que foram muitos a partir da penetração dos seus territórios por “brancos” e da guerra movida por e contra os Botocudo. Porém, a consciência da unidade pela identidade não se desfez naqueles primeiros momentos. As provas para tal afirmativa são o desconhecimento de conflitos envolvendo estes grupos, entre si, sua aliança contra os Botocudo, além da prática de se aldearem “espontaneamente” em conjunto. Caso não raciocinemos a partir destes princípios, como explicar estas alianças?

Para encerrar esta parte da nossa análise, consideraremos a nossa hipótese dos nomes dos “bandos”, na nossa concepção, e sua correlação com os nomes dos grupos rituais (clãs?) dos Maxakali.

Não entraremos em maiores detalhes sobre a religião Maxakali dada a complexidade do tema e

de membros dos vários subgrupos cerimoniais chama-se *Yāmiy* (alma dos mortos) *xop* (grupo). Os espíritos são ordenados hierarquicamente.

Procuraremos, neste momento, relacionar o nome dos grupos rituais e indicar a sua conexão, a partir do nosso ponto de vista, com os nomes dos grupos indígenas apontados ao longo deste trabalho como compondo uma unidade (ver tabela).

Para facilitar a leitura, faremos a indicação sob a forma de listagem.

Cabe-nos ressaltar que um dos grupos rituais (clãs?) poderia predominar num dos bandos, fazendo, então, que fossem, equivocadamente, identificados pelo nome do grupo ritual dominante ou pelo nome do grupo ritual a que pertencia o entrevistado, gerando a confusão no registro dos bandos.

Após tão longa análise, só resta explicar porque incluímos os Amixocori na nossa reflexão.

Na tentativa de compreendermos esta realidade tão complexa, procuramos os dados sobre os grupos referidos no século XVI. Na nossa pesquisa deparamos com a análise de Nogueira

GRUPO RITUAL	GRUPO INDÍGENA	TRADUÇÃO
MONOXÓ	Monāyxop	ancestrais (os que vão e voltam, entram)
MAXAKALI	Māy'ĀYāy	Jacaré
MALALI	Māaīpe	Jacaré menor
PATAXÓ	Putuxop ³	Papagaio
KUTAXÓ	Kutapax xop	Abelha
KUTATOI	Kuatatex	Tatu
KUMANAXÓ	KumānāYxop	Heroínas Tribais
MAKONI	ManaYtuka	Veado Pequeno

FONTE: Popovich, H. (1976)

por não ser este o objetivo deste nosso trabalho. Destacaremos, apenas, os seus aspectos mais relevantes para a nossa análise: a nominação dos grupos rituais.

Inicialmente, chamaremos a atenção para o fato de o universo religioso dos Maxakali ser composto de um conjunto (*xop*)² de espíritos divididos em dez grupos que se subdividem em duzentos subgrupos. Ao conjunto total de espíritos, de rituais,

(2) *Xop*: na língua Maxakali significa grupo, aparecendo constantemente nas palavras indicativas de grupo social.

Batista (1980: 105) sobre a denominação Amixocori relacionada com um grupo que vivia nas adjacências de Porto Seguro (Barra do Itanhém, hoje Barra Velha?).

Quando observamos a tradução da palavra – os que costumam vir por aí, os oriundos de longe –

(3) Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a terminação *xop* refere-se a um dos dez grupos rituais de caráter abrangente. Já as palavras sem esta terminação, indicam subgrupos de um grupo mais amplo.

associamo-los com os chamados Maxakali em seus deslocamentos entre o interior e o litoral na área da antiga Capitania de Porto Seguro, além de nos remeter ao significado de Monoxó – os que vão e voltam.

A questão da identidade étnica e o fracionamento dos grupos sociais

É interessante observarmos que há uma tendência a considerarmos a composição e estrutura dos grupos sociais, no passado, usando, como modelo, a conformação atual das populações estudadas. Horowitz (1975: 113) afirma: “Group boundaries are often fluid. Yet most research in ethnic relation has tended to take the groups as it finds them, as if they all existed in their present form since time out of mind”.

A fluidez da composição dos grupos e bandos reflete-se, no tocante à identificação étnica, de forma significativa, interrelacionando-se com questões como a auto-identificação dos seus membros e as definições elaboradas pelos outros grupos com os quais se relacionam.

O ritmo da dinâmica de alteração, no entanto, é variável, porém sempre estará presente, fazendo com que as formas de inserção dos membros estejam em constante alteração. O ritmo das mudanças será definido por fatores externos (principalmente, como já nos referimos, os resultantes dos conjuntos e tipo de relações que o grupo estabeleça com os outros) e internos. Dentre os internos, talvez o mais importante seja o maior e o menor grau de coesão que a organização social desenvolve, promovendo a aglutinação dos seus membros na proporção direta da sua capacidade de desenvolver o sentimento de pertinência grupal.

Ora, ao analisarmos a sociedade Maxakali, constatamos que sua organização social, seguindo padrões típicos de grupos predominantemente caçadores e coletores, não pode ser caracterizada como capaz de desenvolver forte coesão social, responsável por uma aglutinação mais intensa dos seus membros. O que constatamos, ao contrário, é que os Maxakali sempre tenderam e tendem ao fracionamento, considerando-se que sua unidade social, articulada pela identidade, é tão fluída que não é capaz de promover atividades coletivas. Até mesmo o bando, unidade mais complexa de consenso, tem um caráter fluido e inconstante quan-

to a sua composição, alterando-se todas as vezes em que tensões e atritos se estabelecem.

Diante desta fluidez, o fato de o grupo Maxakali ter-se dispersado em várias “aldeias” (bandos), cada uma delas como unidade autônoma, em termos econômicos, políticos, sociais e religiosos parece-nos perfeitamente lógico.

Horowitz (1975: 23) chama atenção para o fato de que estas separações decorrentes da fluidez social não significam que, em outros momentos, não se possam estabelecer alianças posteriores: “groups which may have separated and even mutually hostile in one environment may be identified or identify themselves as one in a new environment of greater heterogeneity”. É a partir desta análise que podemos explicar as alianças constantemente estabelecidas entre os vários subgrupos objetivando o combate aos Botocudo, assim como as decisões de aldeamento conjunto.

A retomada da identidade em termos mais amplos, como hoje ocorre com os grupos conhecidos como Maxakali e Patoxó, está diretamente relacionada com a contração do território que dispõe, após o seu aldeamento pelo Serviço de Proteção aos Índios. Horowitz (1975:137) destaca a importância deste fenômeno – expansão/redução territorial – como um dos definidores do número de subgrupos gerados: “of course, each case has its own variations, but each also illustrates a general and powerful tendency: as identify tends to expand with an expanding context, often shaped by expanding territorial boundaries, it tends to contract with a contracting context, again often defined by contracting territorial boundaries”.

Assim, teríamos que, nos momentos que antecederam o aldeamento compulsório, teria ocorrido uma provável dilatação de território e uma dispersão dos subgrupos (bandos). Consequentemente, teríamos uma possível tendência, não concretizada devido a penetração dos seus territórios por outros grupos indígenas deslocados pelos “brancos” e por colonizadores, do surgimento de novas identidades. Estes fatores que resultaram, num primeiro momento, numa crescente dispersão e isolamento dos grupos em aldeias (principalmente durante o século XIX) explicam as múltiplas identificações que conhecemos. Porém, o aldeamento compulsório, o confinamento em áreas restritas fez com que passassem a predominar duas identidades: Maxakali e Patoxó.

As hetero-denominações impostas aos remanescentes

Com relação a este aspecto da nossa análise, ainda há questões que precisam ser elucidadas. A primeira delas é porque Pataxó. Pelo que sabemos, e nos é confirmado por Carvalho (1977:100), eles desconheciam a sua autodenominação. Foi o primeiro chefe do posto indígena de Barra Velha que lhes atribuiu o nome Pataxó. Ele teria se baseado em informações históricas que atestavam a presença tradicional deste grupo na região. Mas, qual seria a autodenominação original dos “caboclos” de Barra Velha? Este dado perdeu-se com a sua memória. Hoje assumiram esta identidade, recriando, a Maxakali. Ela não pertence ao Tupi, nem a língua própria da tribo. Poucos entre os índios o conhecem. Hoje é como designação neobrasileira... para toda aquela parte da tribo que habitava o Jequitinhonha (reunião de tribos, como afirmava partirem daí algumas “tradições” que têm um caráter emblemático de afirmação de sua identidade indígena, inclusive a de terem sido os Pataxó os que mantiveram contato com a esquadra de Cabral e assistido a primeira missa rezada no Brasil.

Também os Maxakali não se autodenominavam assim. A primeira pessoa que nos chamou atenção para este fato foi Souza (1991) quando nos afirmou que a palavra Maxakali significava “reunião de tribos” e que estes índios se autodenominavam Comanaxu (Komanaxó).

Instigada por esta afirmativa, procurei suporte no texto de Nimuendajú (1958:209) que atestava: “desconheço a origem da palavra Maxakali. Ela não pertence ao Tupi, nem a língua própria da tribo. Poucos entre os índios o conhecem. Hoje é como designação neobrasileira... para toda aquela parte da tribo que habitava o Jequitinhonha (reunião de tribos, como afirmava Souza?). Pronunciavam-no Mtchkali... A autodenominação é a Monacó bm (os Munuchus de Saint-Hilaire ou Mo-

noxó?). O final *co bm* se encontra frequentemente em nome das tribos desta família linguística”...

Diante destas afirmativas, a interpretação que encontramos para essa divergência entre as possíveis autodenominações, remota as questões relativas aos informantes usados por Nimuendajú e Souza, suas possíveis pertinências a bandos ou grupos rituais diferentes. Considerando-se, ainda, que uma pessoa possuía mais de uma identidade, podendo identificar-se como pertencente a um clã e, ao mesmo tempo, a um grupo étnico, ou uma nacionalidade a depender do grau de amplitude que atribua a sua classificação no momento em que é inquirido, podemos explicar as diversidades de nomações que foram registradas. Tomando a questão da auto identificação dos Maxakali, usaremos os trabalhos de Popovich (1992:30). A maior especialista na língua e cultura Maxakali afirma que a autodenominação do grupo é Tikmu'un.

Conclusão: um desafio a outros especialistas

Diante de todos estes dados, podemos constatar que conhecemos muito pouco da história destes grupos, o que nos impossibilita, até mesmo, afirmar a sua autodenominação. Daí porque iniciamos e encerraremos este trabalho conclamando vários especialistas a repensarmos o tema. Porém, além de desejarmos um avanço na discussão deste tema específico, apresentado neste trabalho, consideramos que a nossa contribuição possa servir como modelo para reavaliar outras realidades indígenas que, também, apresentariam uma unidade sócio-cultural não expressa em documentos e trabalhos de especialistas. É vendo o passado pela ótica do presente e reconhecendo os fatores de dispersão – incluindo o social de alguns grupos indígenas, como elementos explicativos importantes que, talvez, possamos compreender melhor o passado.

PARAÍSO, M.H.B. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni. Povos indígenas diferenciados ou Subgrupos de uma mesma Nação? Uma proposta de reflexão. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 173-187, 1994.

PARAÍSO, M.H.B. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali and Makoni: indian peoples or differentiated Subgroups of a same Nation? A reflection proposal. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 173-187, 1994.

ABSTRACT: This work results from a ten year reflection that found its explanatory axis during the elaboration of the anthropological report on the Maxakali indians, concluded in 1992. We intend to develop here considerations on the possibility of an unity among subgroups which were traditionally viewed as differentiated groups by anthropologists, historians and travellers. It is not a conclusive work, but a proposal for an interdisciplinary study that starting from the model presented here, could help in widening the reflection on similar ethnographic situations in other areas of Brasil.

UNITERMS: Indians – Minas Gerais – Bahia – Espírito Santo – Archaeological data – Political strategies – Social organization – Ethnicity – Territory – Ethnohistory.

Referências bibliográficas

- AMORIM, M. S.
(1966) *A Situação Atual dos Maxakali*. Rio de Janeiro.
(1980) Os Maxakali e os Brancos. N. Rubinger (Ed.) *Maxakali: Resistência ou Morte*. Ed. Interlivros, Belo Horizonte: 98-117.
- ARTIAGA, Z.
(1920) *Dos Índios do Brasil Central*. Departamento Estadual de Cultura, Goiás.
- BRANDÃO, J. da S.
(1898) Os Índios de Lorena dos Tocoíós. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, III, Imprensa Oficial de Minas Gerais: 431-435.
- CARVALHO, M. R. G.
(1977) *Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico*. Salvador.
- CASTRO E ALMEIDA, E.
(1918) *Inventário dos Documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa*. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- FONTOURA, M. de J.
(1857) *Ofício enviado ao Diretor Geral dos Índios, Casemiro Sena Madureira em 10.03.1857*. Arquivo Público da Bahia – Seção Histórica – Presidência da Província – Agricultura, Indústria e Comércio – Sudeos.
- HOROWITZ, D.
(1975) Ethnic identify. N Glazer; D. P. Moynihan (Eds.) *Ethnicity – Theory and Experience*. Harvard University Press, Cambridge and London: 111-140.
- LOUKOTKA, C.
(1931) La Familia Lingüística de Brasil. *Revista del Instituto de Etnologia*, México, 2, Universidad Nacional de Tucuman: 21-47.
- MARCATTO, S. de A.
(1980) O Indianismo Oficial e os Maxakali (séculos XIX e XX). N. Rubinger (Ed.) *Maxakali: Resistência ou Morte*. Ed. Interlivros, Belo Horizonte: 123-182.
- MELLO, J. C. P. de
(1845) *Ofício ao Presidente da Província da Bahia*, 16/1/1845. Arquivo Público da Bahia, Seção Provincial, Fundo Presidência da Província, man.
- METRAUX, A.; NIMUENDAJÚ, K.
(1963) The Mashakali, Patashó Linguistic Families. J. Steward (Ed.) *Handbook of South American Indians*. Cooper Square Publishers, New York: 541-545.
- NASCIMENTO, N. F.
(1984) *A Luta pela Sobrevivência de uma Sociedade Tribal do Nordeste Mineiro*. São Paulo.
- NAVARRO, L. T. R.
(1846) Itinerário da viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, VII: 433-469.
- NIMUENDAJÚ, K.
(1958) Índio Machacarís. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 6 (1), EDUSP: 53-61.
- NOGUEIRA BATISTA, C. de A.
(1980) Notas. F. Cardim (Ed.) *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. EDUSP, São Paulo; Ed. Itatiaia, Belo Horizonte: 105.
- OTTONI, T. B.
(1858) Notícias sobre os selvagens do Mucuri. *Revista*

PARAÍSO, M.H.B. Amixokori, Pataxó, Monoxó, Kumanoxó, Kutaxó, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni. Povos indígenas diferenciados ou Subgrupos de uma mesma Nação? Uma proposta de reflexão. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 173-187, 1994.

- do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, XI, Tip. Brasiliense: 124-238.
- PARAÍSO, M. H.
(1992) *Relatório Antropológico sobre os Maxakali*. Salvador.
- PEROTA, C.
(1971) Considerações sobre a tradição Aratu nos estados da Bahia e no Espírito Santo. *Boletim do Museu de Arte e História*, Vitória, I, Ministério da Educação e Cultura, Universidade Federal do Espírito Santo: 149-172.
- POPOVICH, F.
(1983) *A Organização Social dos Makali*. Juiz de Fora.
(1992) *A Revitalização dos Rituais: uma forma de resistência Maxakali*. Brasília.
- POPOVICH, H.
(1976) *Maxakali Myths on Cultural distinctions and Maxakali sense of inferiority to the National Brazilian Culture*. Brasília, dat.
- PORTELLA, A.
(1911) *Relatório da Expedição feita a Aldeia dos Índios Machacaris e em procura de índios Nômades da Margem Esquerda do Rio Jequitinhonha ao Sr. Manoel Tavares da Costa Miranda, Subdiretor da 2a. Subdiretoria do Serviço de Proteção aos Índios*, dat.
- PORTO, R.
(1946) A Bandeira de Jão da Silva Guimaraes – “O Mestre-de-Campo”. O rio Todos os Santos e os Selvagens do Mucuri. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, II, Imprensa Oficial do Estado: 142-177.
- RODRIGUES, A. dall'I.
(1986) *Línguas Brasileiras – Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. Ed. Loyola, São Paulo.
- RUBINGER, M.
(1980) Os Maxakali e a questão das frentes de expansão da Sociedade Neobrasileira. N. Rubinger (Ed.) *Maxakali: Resistência ou Morte*. Ed. Interlivro, Belo Horizonte: 9-67.
- SAINTE-HILAIRE, A.
(1975) *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte; EDUSP, São Paulo.
- SANTOS, P. R. dos
(1970) *Pioneiros de Águas Formosas – Relato Histórico do Desbravamento das Selvas do Pampã*. Imprensa Oficial do Estado, Belo Horizonte.
- SENNA, N. de
(1908) Índios do Brasil. *Revista do Arquivo Público*, Belo Horizonte, XIII, Imprensa Oficial de Minas Gerais: 145-218.
- SPIX, J. B.; MARTIUS, C. F. von.
(1976) *Viagem pelo Brasil*. Cia. Editora Melhoramentos, São Paulo.
- SOARES, G.
(1992) Depoimento à antropóloga.
- SOUZA, J. S. de
(1991) Depoimento à antropóloga, Umburanas.
- URBAN, G.
(1992) A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. M. M. Carneiro da Cunha (Org.) *História dos Índios do Brasil*. Cia. das Letras, Fapesp, SMC., São Paulo: 87-102.
- WIED-NEUWIED, M.
(1989) *Viagem pelo Brasil*. EDUSP, São Paulo; Itatiaia, Belo Horizonte.

Recebido para publicação em 20 de setembro de 1994.